



Revista Portuguesa
de

irurgia

II Série • N.º 4 • Março 2008

ISSN 1646-6918

Órgão Oficial da Sociedade Portuguesa de Cirurgia

Página da S.P.C.

Fernando José de Oliveira

As transformações que ocorreram na medicina, nas últimas duas ou três décadas, foram tão intensas e abrangentes, que é previsível que a cirurgia convencional possa sofrer um declínio nos próximos anos.

Um melhor conhecimento das causas e dos mecanismos de diversas doenças em conjugação com notáveis investigações farmacológicas, permitiram tratar muitas delas através de soluções não cirúrgicas. Os programas de prevenção, rastreio e diagnóstico precoce reduziram, em muitas circunstâncias, as indicações para a cirurgia. A consagração da cirurgia minimamente invasiva e a expansão de novas técnicas de intervenção tornaram mais simples, com menor morbidade e menos onerosa a abordagem terapêutica de muitos doentes, outrora submetidos a procedimentos mais complexos e agressivos.

Estes exemplos, entre muitos outros que se poderiam citar, reflectem, apenas, o processo de evolução e transformação que ocorre continuamente no seio da medicina, mas são, suficientemente, elucidativos para se compreender algum declínio da cirurgia geral.

Concomitantemente com esta situação, que poderá afectar a essência da própria especialidade, tem-se assistido à progressiva desertificação da cirurgia geral.

Na realidade, após um período áureo em que a cirurgia geral foi uma das opções preferenciais no acesso ao internato de especialidade, passou-se para uma fase intermédia, mas tendencialmente decrescente, registando-se nos últimos tempos um decréscimo significativo nas escolhas dos internos, com repercussões não só na qualidade dos candidatos como, facto que já se verifica nalguns países, no número daqueles que optam pela cirurgia geral.

Mas, porque é que estão a diminuir os candidatos para a especialidade de cirurgia geral?

Será que um certo declínio da cirurgia geral, a que aludimos, justifica, só por si, o escasso impacto desta especialidade nas novas gerações?

Pensamos que não, sendo possível identificar outros factores tais como, a progressiva redução do peso das disciplinas cirúrgicas na formação pré-graduada, a forma de recrutamento dos internos, o número de horas de trabalho semanal, a crescente fragmentação da cirurgia geral, a superespecialização e, *“the last but not the least”*, a qualidade de vida.

Esta crise, que não se circunscreve ao nosso país, não parece ser uma crise de vocações, mas reflecte, sobretudo, a incapacidade de uma especialidade em seduzir, apenas, porque deixou de ser apelativa.

É necessário inverter esta tendência que, a curto prazo, pode tornar-se preocupante.

Os cirurgiões através das suas associações científicas e profissionais, nomeadamente a Sociedade Portuguesa de Cirurgia e o Colégio de Especialidade de Cirurgia Geral, deverão ser capazes de formatar propostas que requalifiquem a cirurgia geral tornando-a, novamente, uma especialidade apelativa, sedutora e desejada pelas novas gerações.

É que a Cirurgia Geral continua a ser uma especialidade essencial com uma esfera de intervenção específica e com um previsível recrudescimento do número de doentes que dela necessitam, em consequência do aumento da esperança de vida das populações e, também, do acréscimo das indicações para cirurgia profiláctica.

